

## REPRESENTAÇÕES DA ABOLIÇÃO E SUAS APARENTES CONTRADIÇÕES: A LITOGRAVURA DE ANGELO AGOSTINI DE 19 DE MAIO DE 1888

**Aluno: Felipe Botelho Alves Fusco**  
**Orientadora: Prof. Eunícia Fernandes**

### Introdução

O presente trabalho é fruto de uma das atividades desenvolvidas no PET: o Projeto Artigo. No decorrer de minha estada no grupo venho desenvolvendo leituras e trabalhos sobre as imagens como fontes históricas, investigando diferentes materiais e períodos. No trabalho aqui apresentado, utilizo uma litogravura de Angelo Agostini publicada na *Revista Ilustrada* em 19 de maio de 1888, sendo fonte para questionamentos acerca de relações sociais no século XIX.

A princípio, a gravura apresenta aparente contradição entre o que retrata, uma confraternização entre uma família de negros e brancos após a Abolição, e os modos pelos quais a população negra foi inserida na sociedade da época, profundamente marcada por teorias racialistas<sup>1</sup>. Como nos mostra a historiografia, esta população negra tornada livre foi marginalizada por uma sociedade impregnada pelas lembranças da escravidão e por um modo de ver o mundo ainda marcadamente “branco” e excludente. Entretanto, esta contradição pode ser desfeita ao se analisar melhor o período em que a imagem foi produzida, inserindo a gravura em seu tempo.

### Objetivos

A partir de uma litogravura de Angelo Agostini publicada na *Revista Ilustrada* no dia 19 de maio de 1888, este artigo tem por objetivo desenvolver reflexões sobre a forma de pensar de homens de fins do século XIX e início do XX em relação à escravidão, à condição escrava e a Abolição de 1888.

### Metodologia

A simples observação da imagem foi capaz de sozinha suscitar tais questões: na realização das leituras para a elaboração do artigo, duas obras foram fundamentais, *Poeta do Lápis* de Marcelo Balaban<sup>2</sup> e *Retrato em branco e negro*, de Lília Moritz Schwarcz<sup>3</sup>. Balaban nos mostra que após a Abolição são apresentadas gravuras de festejos pela cidade, inclusive a litogravura já mencionada. Este autor também analisa outros documentos, como discursos e notícias da época, que saudavam a Abolição com entusiasmo e celebrações por parte dos contemporâneos. Já Lília Moritz Schwarcz, falando da escravidão e de momento pouco posterior, nos mostra como o negro era considerado um degenerado e inferior durante o período escravista, continuando a ser desta forma encarado depois da Abolição. A autora também relaciona esta maneira de se ver o negro às teorias racialistas em voga no período que afirmavam e legitimavam esta visão depreciativa.

Outro autor importante para minha interpretação do contexto e dos possíveis significados da imagem foi Nicolau Sevcenko, com as idéias que apresenta na introdução ao

---

<sup>1</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. *Retrato em branco e negro: jornais escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>2</sup> BALABAN, Marcelo. *Poeta do lápis: sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1864 – 1888)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

<sup>3</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. Op. Cit.

terceiro volume da coleção *História da vida privada no Brasil*<sup>4</sup>, onde expõe os principais acontecimentos que levaram à Revolta da Vacina, no Rio de Janeiro, capital da República. A população afetada negativamente pela reforma do prefeito Pereira Passos era em sua maioria composta de negros ex-escravos, descendentes de escravos e mestiços, vistos como degenerados e inferiores.

### Conclusão

Lília Schwarcz também explicita em *Retrato em branco e negro*, a crença de alguns homens do período na necessidade de se guiar os escravos recém-libertos rumo à civilização, já que degenerados e avessos a esta como eram, não seriam capazes de tal progresso sozinhos. Por isso, muitos acreditavam na necessidade da tutela da população negra por parte dos brancos, que deveriam educá-los nos rumos da civilização. Isto acabou por me sugerir uma outra interpretação da litogravura de Angelo Agostini: para além de uma celebração, a gravura poderia revelar a crença do autor na necessidade desta tutela, com a família de brancos recebendo a de ex-escravos.

Sidney Chalhoub afirma em *Visões da Liberdade* que os senhores de escravos ao libertarem alguns cativos como um ato de bondade não devem ser vistos como “hipócritas deslavados”.<sup>5</sup> Do mesmo modo, considero que todos aqueles que comemoravam a Abolição da escravatura como retratado na *Revista Ilustrada*, não devem ser vistos como hipócritas. Muitos daqueles homens lutaram pela Abolição e muitos estavam sinceramente felizes com esta vitória política.

Portanto, entendendo aquela litogravura como fruto de um tempo específico e levando em consideração as observações dos autores, as contradições que pareciam emergir de uma imagem que unia uma família branca a uma família negra parecem desaparecer. Considero que a maneira pela qual lemos a história - inevitavelmente marcada pelo nosso presente e já cientes dos desdobramentos históricos dos acontecimentos que estudamos -, muitas vezes nos sugerem uma determinada visão que não corresponde à experiência vivida. A contradição que supus entre a litogravura e os acontecimentos posteriores é fruto deste anacronismo.

### Referências:

- BALABAN, Marcelo. *Poeta do lápis: sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1864 – 1888)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- CHALHOUB, Sidney. “Visões da Liberdade” In: *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final de século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SEVCENKO, Nicolau. “Introdução” In SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil, vol 3 – República: da Bela Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

---

<sup>4</sup> SEVCENKO, Nicolau. “Introdução” in SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil, Vol. 3 - República: da Bela Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>5</sup> CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.